

Thiago Mattos

**“O prazer aristocrático em  
desagradar”:  
ética e tradução no último  
Baudelaire**

## Resumo

O texto trata da relação entre ética e tradução a partir de algumas passagens “desagradáveis” (majoritariamente sexistas e antisemitas) de *Mon cœur mis à nu*, de Charles Baudelaire. Para conduzir a reflexão, lanço mão dos estudos de tradução (os “atos de tradução” desenvolvidos por Lenita R. Esteves no âmbito da sua reflexão sobre tradução e ética) e da crítica literária (o horror baudelairiano, o “prazer aristocrático em desagradar” e, como denomina Steve Murphy, a “poética da provocação e da programação”). A fim de traduzir o “horror” e de possibilitar certas tensões e ambivalências da obra baudelairiana, proponho uma tradução sem estratégias de amortecimento (supressão, atenuação lexical ou nota de tradutor).

**Palavras-chave:** Ética; tradução; *Mon cœur mis à nu*; Charles Baudelaire

## Résumé

Ce texte porte sur le rapport entre l'éthique et la traduction à partir de quelques extraits « désagréables » (la plupart sexistes et antisémites) de *Mon cœur mis à nu*, de Charles Baudelaire. Le fil conducteur de la discussion est d'une part les études de traduction (la notion d'« acte de traduction » développée par Lenita R. Esteves dans ses réflexions sur traduction et éthique) et d'autre part la critique littéraire (l'horreur baudelairienne, le « plaisir aristocratique de déplaire » et, selon une expression de Steve Murphy, la « poétique de la provocation et de la programmation »). Afin de traduire l'« horreur » et de récupérer les tensions et les ambivalences baudelairiennes, je propose une traduction sans aucune stratégie d'amortissement (suppression, atténuation lexicale ou note de traducteur).

**Mots-clés :** Éthique ; traduction ; *Mon cœur mis à nu* ; Charles Baudelaire

## 1.

Ao traduzir *Mon cœur mis à nu*<sup>1</sup>, tive que perseguir, e fui perseguido por passagens tão curiosas como essas:

*La femme a faim, et elle veut manger ; soif, et elle veut boire. Elle est en rut, et elle veut être foutue. [...] La femme est naturelle, c'est-à-dire abominable.* (BAUDELAIRE, 2001, p. III)

*Il y a de certaines femmes qui ressemblent au ruban de la Légion d'honneur. On n'en veut plus parce qu'elles se sont salies à de certains hommes.* (BAUDELAIRE, 2001, p. XXI)

*De la nécessité de battre les femmes.* (BAUDELAIRE, 2001, p. XXXVIII)

*Plus l'homme cultive les arts, moins il bande.* (BAUDELAIRE, 2001, p. XXXIX)

*Les Japonais sont des singes.* (BAUDELAIRE, 2001, p. XXII)

*Belle conspiration à organiser pour l'extermination de la race juive* (BAUDELAIRE, 2001, p. XLV).<sup>2</sup>

Isto é, tive que *reescrever* afirmações como essas. Escrever “com minhas palavras” conteúdos como esses. Poderia me proteger pelo epíteto de “tradutor” (“não fui eu que escrevi, eu só traduzi”), mas se tratava, em suma, da minha língua, da minha tradução e até, pelo menos naquele momento, da minha caligrafia. Podia não ser “meu discurso”, mas sabemos que os discursos, mesmo aqueles com que queremos ter afinidades, não são nossos, ou não são tão nossos: atravessam-nos. O desconforto inicial — acentuado pelo fato de estar fazendo naquela etapa uma tradução à mão, numa espécie de performance *manuscrita* que

---

\* **Thiago Mattos** – Doutorando em Estudos linguísticos, literários e tradutológicos, na USP

<sup>1</sup> Resumidamente, *Mon cœur mis à nu* é um projeto literário póstumo de Baudelaire. As notas que o compõem teriam sido escritas de 1859 até sua morte, formando um conjunto de manuscritos únicos (isto é, cada nota tem apenas uma versão, não há um trabalho de retomada e revisão desses rascunhos). Erroneamente editado como “*journaux intimes*” [diários íntimos] até meados da década de 1960, *Mon cœur mis à nu* constitui-se como uma “escrita de cólera” (palavras do próprio Baudelaire) que, apesar de radicalmente inacabado, sintetiza, ilustra e mesmo tensiona aspectos importantes da obra do poeta francês: choque, horror, contradição, impostura, duplicidade, alegoria etc.

<sup>2</sup> Traduções livres: “A mulher tem fome e quer comer. Sede, e quer beber. Está no cio e quer ser fodida. [...] A mulher é natural, isto é, abominável”.

“Existem certas mulheres que se parecem com a fita da legião de honra. Não as queremos mais porque se sujaram em certos homens”.

“Da necessidade de bater nas mulheres”.

“Mais o homem cultiva as artes, menos o pau lateja”.

“Os Japoneses são uns macacos”.

“Bela conspiração a organizar para a exterminação da Raça Judia”.

se voltava para a condição de eterno rascunho de *Mon cœur mis à nu*<sup>3</sup>— logo se tornou um desassossego pessoalíssimo, que achei por bem transformar em reflexão crítica e — por que não? — teórica. Apesar de não estar no centro do meu projeto tradutório, a questão me levou a um pequeno desvio de reflexão, o que, se não chegou a integrar a tese propriamente dita, permitiu ao menos a realização deste ensaio.

## 2.

Palavra-chave das mais recorrentes nos estudos da tradução, transpassando autores tão diversos quanto Antoine Berman – “[a tradução] pertence originalmente à dimensão ética” (BERMAN, 2007, p. 69) – e Anthony Pym – responsável pela organização da coletânea de artigos *The return to ethics* (2001), ela mesma um mosaico de múltiplos modos de significar a ética no campo da tradução –, a ética, em termos mais propriamente “filosóficos”, tem dois entendimentos fundamentais (ABBAGNANO, 2015 [1971], p. 442):

1) ética como a ciência do fim das ações humanas e dos meios empregados para atingir esse fim, investigando a própria *natureza humana*;

2) ética como a ciência do *móvel* das ações humanas, “procura[ndo] determinar tal móvel com vistas a dirigir ou disciplinar essa conduta” (ABBAGNANO, 2015, p. 442).

Enquanto a primeira acepção fala em “natureza” e “essência”, a segunda trata de “motivos”, “razões”, “forças” e “condicionantes” que configuram os agires humanos.

Perceba-se que em ambos os casos, evidentemente generalistas e sem pretensões de dar conta das múltiplas complexidades do tema, está em jogo a noção de ação, conduta, ato etc. Com efeito, uma definição para ética, satisfatória desde que se admita seu caráter voluntariamente resumido, seria “escolha de uma maneira de agir”. Essa definição preserva a ideia de “ação”, “conduta”, “atividade”, e sublinha também outro aspecto da ética: a escolha, a tomada (deliberada ou não, poderíamos imaginar, independentemente da nossa fé psicanalítica) de uma posição. Uma “tomada de posição” remete, por sua vez, ao individual, pressupõe um sujeito com opções e escolhas internas, reflexões, hesitações e decisões; pressupõe valorações (OLIVEIRA, 2015, p. 71) do tipo “bom” e “ruim”, “positivo” e “negativo”, “certo” e “errado”.

---

<sup>3</sup> A pesquisa, intitulada *Entre o texto e o não texto: o contínuo do rascunho em tradução em Mon cœur mis à nu, de Charles Baudelaire*, pretendia traduzir *Mon cœur mis à nu* “a partir dos seus inacabamentos”, tendo em vista três aspectos: a realidade “matérica” dos manuscritos (uma escrita que só existe na condição de rascunhos de algo por vir), a inexistência de uma ordenação definitiva e a rede de modos de ler e reescrever esses inacabamentos ao longo das edições francesas e das traduções brasileiras.

Ao se falar em ética, adentra-se numa multiplicidade de referências e concepções. Uma delas é a similaridade/disparidade, nem sempre explícita ou explicitada, entre ética e moral. A confusão existe em termos inclusive etimológicos: *moral* vem do latim *mos, moris, moralis*, tradução que os romanos fizeram, por sua vez, do termo grego *éthos* com “e” curto, que significa “costume”, “hábito”, “norma”, “regras de comportamento”; *ética* vem do grego *éthos* com “e” longo, podendo significar “propriedade do caráter”, “caráter de alguém”. Hoje, ao menos no uso filosófico, ética e moral se distinguem. Fora do campo filosófico contemporâneo, encontraremos certas ocorrências que não parecem fazer distinção rigorosa entre os termos.

Uma diferenciação possível, mas não definitiva, entre moral e ética:

*grosso modo*, se poderia pensar a moral como um conjunto de valores e regras de ação propostos ao indivíduo de fora, por meio de aparelhos prescritivos diversos, como a família, as instituições educativas, as Igrejas etc. (cf. FOUCAULT, 1998). Já a ética diz respeito a opções internas que o indivíduo faz tentando não se sujeitar estritamente a esses sistemas. Falar em moral é falar em deveres, enquanto falar em ética é falar na busca de uma vida que vale a pena ser vivida. Em outras palavras: à indagação moral corresponde a pergunta ‘como devo agir?’, à reflexão ética cabe responder ‘que vida eu quero viver?’ (KLINGER, 2014, p. 56-57).

A partir dessas breves tentativas iniciais de conceituação, cabe perguntar: como pensar a ética nos estudos da tradução? Ou melhor: como pensar a ética nos atos de tradução<sup>4</sup>?

Algumas questões comuns que atravessam os estudos da tradução e o fazer tradutório articulam de imediato um pensar ético, ou pensar a ética, com os atos de tradução: como traduzir textos que entram em conflito direto com minhas próprias convicções políticas, religiosas, ideológicas, comportamentais etc.? Em que medida o sujeito tradutor intervém, conscientemente ou não, de maneira a tornar um texto compatível com seus próprios valores? O tradutor está autorizado a mudar estruturas do texto a fim de torná-lo menos “preconceituoso”? Etc.

Dois pontos podem ser identificados a partir dessas questões iniciais:

1) as “perguntas éticas” da tradução parecem girar quase sempre em torno de uma preocupação com a posição (social, ideológica, política etc.) ocupada pelo sujeito tradutor, e em que medida essa posição diz sobre seu fazer tradutório e incide sobre o resultado final da tradução; contudo, deveríamos nos perguntar também sobre as posições do texto de partida, de modo que seja mais interessante falar em uma *relação* ética entre o tradutor, o texto de partida e seu fazer-pensar tradutório;

---

<sup>4</sup> Faço referência ao trabalho da Profa. Lenita R. Esteves (2014), que, ao recorrer aos atos de tradução, chegou a uma visão mais dinâmica da relação entre ética e processo tradutório.

2) em se tratando de tradução, lugar por excelência do múltiplo, do móvel e do reinterpretável, parece haver não uma ética geral da tradução (o que resvalaria numa imposição moral *a priori*), mas *éticas de tradução*.

André Lefevere sublinhou continuamente o papel preponderante do cultural, do político e do ideológico na tradução. Em um capítulo intitulado "*The role of ideology in the shaping of a translation*", afirma que "as traduções não são feitas no vácuo. Tradutores agem numa dada cultura e numa dada época. A maneira como veem a si mesmos e sua cultura é um dos fatores que podem influenciar a maneira como traduzem" (LEFEVERE, 1992, p. 14, tradução minha). Por isso mesmo, a tradução, ou melhor, um ato de tradução, depende da rede de forças e relações em que se situa o sujeito tradutor. Não existe uma ética, mas *éticas de tradução*, modos diversos de traduzir que mudam conforme mudam os sujeitos, contextos, posições, projetos etc.: "o emprego do termo no plural, 'éticas', sinaliza uma convicção de que não há uma única forma de tradução que seja considerada a mais correta ou a melhor. As éticas se adaptam a seus contextos histórico-sociais" (ESTEVES, 2014, p. 19).

### 3.

Partindo da teoria dos atos de fala de Austin, Lenita Esteves (2014) propõe pensar a 'performatividade' da tradução, isto é, a tradução como ação – os atos de tradução. Estes, por sua vez, são organizados em "famílias de atos de tradução", ideia que se origina das *Investigações filosóficas* de Wittgenstein e que se baseia na noção de "semelhanças de famílias" (ESTEVES, 2014, p. 19), ou seja, uma família de atos de tradução abriga atos que apresentam certos traços de similaridade e aproximação entre si e traços de diferenciação em relação a outras famílias de tradução. São organizadas quatro famílias: a tradução como difusão de conhecimento, a tradução como imersão na textualidade, a tradução como enriquecimento e a tradução como intervenção política, cada uma dessas famílias comportando análises de casos específicos do mundo da tradução.

Para conduzir em termos mais propriamente teóricos minhas reflexões sobre ética e tradução em *Mon cœur mis à nu*, ou melhor, em passagens "polêmicas" de *Mon cœur mis à nu*, interessa-me a ideia de tradução como intervenção política, e, mais especificamente, a "tradução como amortecimento" (ESTEVES, 2014, p. 285-303).

O princípio da tradução como amortecimento é relativamente simples, mas suas consequências são inúmeras: "em situações muito tensas e conflituosas, tradutores, intérpretes e mediadores em geral são algumas vezes levados a suavizar os termos, ou o tom, ou qualquer outro aspecto de uma mensagem, por vários motivos" (ESTEVES, 2014, p. 285). Tradutores

podem *amortecer* determinadas passagens de sua tradução, seja porque não concordam com elas, seja porque seu público leitor não será receptivo àquilo.

A tendência do amortecimento pode ser vista como oposta à tendência da “tradução como instigação”, tradutores que, seja no que traduzem, seja no como traduzem, deliberadamente se opõem a normas, instrumentos de censura, hábitos etc. Na tradução como amortecimento, ao contrário, os tradutores se veem obrigados a contornar certos pontos ideologicamente explosivos, lançando mão de soluções que atenuam, enfraquecem, abrandam aquilo que, às vistas do tradutor, não cabe, por motivos políticos e ideológicos, no texto traduzido. Neutralizar, amortecer, enfraquecer, apagar são verbos que costumam conduzir as estratégias desse tipo de ato de tradução:

nessas situações, traduzir adequadamente significa muito mais do que traduzir com precisão ou ser fiel a um texto original. Em termos bem gerais, uma tradução adequada seria aquela que não agitasse ou estimulasse sentimentos de intolerância que pudessem levar a algum resultado violento. Também está em jogo o *status* profissional do tradutor que, além de tentar não agravar uma situação tensa, está sendo julgado por sua competência, imparcialidade, neutralidade e honestidade (ESTEVEES, 2014, p. 286).

Contudo, o que pode significar ser neutro em uma tradução? Em que medida adotar uma estratégia de amortecimento não é por si só abrir mão de uma suposta e imaginada “neutralidade do tradutor”? Se dizer é por si só uma maneira de significar, sendo uma maneira de tomar posição (seja ela qual for), reafirmo um lugar-comum que até mereceria ser repensado (não por mim, ou pelo menos não aqui) nessa espécie de pós-pós-estruturalismo em que vivemos, para não voltarmos a cair em dogmas (por exemplo, quando vamos historicar a historicidade?): não há neutralidade possível na língua. Se a neutralidade do tradutor (sujeito historicamente situado, ideologicamente interpelado etc.) não é possível, o que significam suas tentativas de amortecimento na tradução? Seus gestos de apagamento, atenuação, enfraquecimento e amortecimento são tão política e ideologicamente marcados quanto os casos de “tradução como instigação”. A diferença é que parecem eticamente mais aceitáveis, justificáveis, compreensíveis etc. No entanto, seus silenciamentos estão também eles cheios de sentidos. Não é possível não ocupar lugar nenhum.

#### 4.

As frases que abrem este ensaio fazem parte de *Mon cœur mis à nu*, projeto literário a que Baudelaire se dedica de 1859 até sua morte, sem o concluir. O livro que hoje se lê com o

título *Mon cœur mis à nu*<sup>5</sup> são notas, planos de trabalho, parágrafos mais ou menos desenvolvidos, fragmentos de uma obra por vir. Baudelaire morre em 1867, e Poulet-Malassis, amigo pessoal e editor das *Fleurs du mal*, recebe os manuscritos de *Mon cœur mis à nu*, ordenando-os arbitrariamente e encadernando-os. Em 1887, Eugène Crépet publica pela primeira vez *Mon cœur mis à nu*, que resolve chamar de *Journaux intimes*, suprimindo passagens que atingiam alguém direta e nominalmente. Nenhuma das frases que destaquei para este ensaio foram suprimidas.

Como traduzir esse tipo de sentença sem um incômodo, sem se perguntar se não seria uma maneira de contribuir direta ou indiretamente com o machismo, o feminicídio, a xenofobia, o antissemitismo?

Num primeiro momento, pensa-se na possibilidade de suprimir a passagem, apoiando-se em justificativas de cunho moralista. A edição francesa de 1999 feita por Sylvie Pestel para a coleção eletrônica da Biblioteca Municipal de Lisieux<sup>6</sup>, por exemplo, substitui o “*foutue*”, literalmente “fodida”, por um lacônico e pudico “f...”. Com um pouco de bom senso, deixa-se de lado a estratégia de supressão pura e simples e pensa-se em palavras que atenuem a força desagradável daqueles trechos (a tradução de Aurélio traduz “*foutue*” por “trepada”, enquanto Guerreiro prefere “comida”, termos que, embora recuperem certa violência verbal, conseguem fugir do que é socialmente marcado como “palavrão”). Também se pode cogitar uma tradução mais literal, acompanhada de uma nota de rodapé, como se uma separação entre escrita “do autor” e escrita “do tradutor”, que geralmente se busca atenuar no processo tradutório, devesse, nesse caso, ser explicitada.

Tais estratégias são, em maior ou menor grau, procedimentos que buscam reduzir o impacto *desagradável* dessas frases, o *horror* que produzem em todo/a leitor/a, ou quase.

Baudelaire (2004, p. 396) é o poeta que escreveu em *Fusées*, outra obra inacabada de grande similaridade com *Mon cœur mis à nu*<sup>7</sup>: “o que há de inebriante no mau gosto é o prazer aristocrático em desagradar”<sup>8</sup>. Seguindo os passos de Auerbach (2007), também se pode pensar em Baudelaire como o poeta do horror, ora cantado em estilo elevado, chocando pela maneira como é poetizado um tema deplorável e abjeto, ora entrecortado por uma coloquialidade inesperada e desagradável, causando o choque entre elevação e baixeza. Auerbach se referia às *Fleurs du mal*, mas o mesmo se encontra em *Mon cœur mis à nu*: “*plus*

---

<sup>5</sup> No Brasil, circulam quatro traduções: *Meu coração desnudado*, 1981, Aurélio Buarque de Holanda, ed. Nova Fronteira; *Meu coração a nu*, 1995, Fernando Guerreiro, ed. Nova Aguilar; *Meu coração desnudado*, 2009, Tomaz Tadeu, ed. Autêntica; *Diários Íntimos*, 2013, Jonas Tenfen, ed. Caminho de Dentro.

<sup>6</sup> Disponível aqui, acessado em agosto de 2017.

<sup>7</sup> Até hoje não se sabe em que medida os dois projetos não constituiriam, na verdade, um único e mesmo projeto. Para mais detalhes, consultar MATTOS, 2015.

<sup>8</sup> “*Ce qu’il y a d’enivrant dans le mauvais goût, c’est le plaisir aristocratique de déplaire.*”

*l'homme cultive les arts* [há algo de aforístico nesse começo de sentença, à maneira de Pascal, La Bruyère ou qualquer outro moralista francês], *moins il bande* [expressão que Aurélio prefere traduzir por “menos tesão tem”, Guerreiro traduz por “menos trepa” e Tomaz Tadeu, retomando o sentido mais explícito possível, traduz por “menos fica de pau duro”]. Na inserção de uma vírgula, o leitor, o “*hypocrite lecteur*”, vai do mais elevado e classicizante ao mais baixo e deplorável.

Esse tipo de passagem, contudo, não é tão difícil de resolver. O leitor contemporâneo aceita relativamente bem, até com bom humor, esse tipo de aforismo, a ponto de um amortecimento ser pudicíssimo, ou melhor, pré-moderno.

Os demais casos são o nó da questão.

Ao fazer supressões, atenuar o léxico ou acrescentar uma nota de tradução, ‘o tradutor retextualiza’ esse horror de maneira menos “horrível”, isto é, ameniza uma porção do Mal e suaviza uma tensão significativa (a ser comentada nas linhas a seguir) que se pode observar nesse tipo de passagem. De onde minha escolha, não isenta de questionamentos, de traduzir o “desagradável” da maneira mais literal possível, sem notas, supressões ou amortecimentos lexicais.

Amortecer essas passagens não seria apenas uma concessão a certo “moralismo burguês”, pensando em termos de modernidade oitocentista, tentando pintá-las com outras cores, mais harmônicas com a decoração da sala. Seria também uma tentativa descabida de “salvar Baudelaire”, tirá-lo do desagradável, do condenável, do francamente inaceitável, e transformá-lo em um aforista compatível com nossas próprias posições políticas, com nosso próprio complexo ético.

Se Baudelaire é machista, deve ser traduzido como um machista. Há críticos que eventualmente fazem certo malabarismo de leitura para mostrar que Baudelaire não é machista (pelo contrário, seria, o que não deixa de ser bizarro, quase um precursor feminista), ou não é pelo menos tão machista (o que pode ser interessante na chave das ambivalências baudelairianas). Contudo, por mais duplo, ambíguo e ambivalente que seja Baudelaire, às vezes é necessário ficar na leitura mais óbvia, o que também é, aliás, uma questão ética. Disse Susan Sontag (2015, p. 69-70):

Baudelaire, afinal, disse que a mulher é natural, portanto abominável, e cometia um tipo muito clássico de misoginia característica do século XIX – a mesma que você encontra em Freud, isto é, as mulheres são a natureza e os homens são a cultura, por isso as mulheres são esse tipo de lodo que te puxa para baixo, e o espírito está sempre tentando escapar da carne. A cultura da França é incrivelmente misógina de uma maneira que só nos confunde. Quer dizer, a palavra *feminino* – não *afeminado*, mas *feminino* – é pejorativa. Dizer

aqui que alguma coisa é feminina, seja uma obra, uma atividade ou uma pessoa – se a pessoa é mulher, então apenas no sentido estritamente sexual – é sempre depreciativo. Masculino quer dizer forte, feminino quer dizer fraco.

O que Steve Murphy (2007, p. 12) chamou de uma “poética da provocação”, e que tem ecos ainda muito fortes do “prazer aristocrático em desagradar”, depende também daquele que lê.

Explico: em se tratando do século XIX francês, é mais provável que o aspecto “desagradável” de *Mon cœur mis à nu* estivesse em passagens como “[o] francês é um animal de galinheiro”<sup>9</sup>, “[o] comércio é, por sua essência, Satânico”<sup>10</sup>, “[o] ser mais prostituído é o ser por excelência, é Deus”<sup>11</sup>, ou nas inúmeras passagens em que cita nominalmente, e de maneira pouquíssimo elogiosa, figuras do meio político e literário. Hoje, felizmente, as passagens mais difíceis de aturar são as que destaquei na abertura deste ensaio.

Murphy não fala somente de uma poética da provocação, mas de uma poética da provocação e da programação. Defendo que essas passagens “inaceitáveis” sejam traduzidas “literalmente”, sem amortecimentos, para dar a ver tanto a provocação baudelairiana quanto sua programação, isto é, seu quê de encenação e pose programada. Murphy (2007, p. 21), por exemplo, retoma um episódio<sup>12</sup> contado por Théodore de Banville: “quando um alto funcionário quis saber por que Baudelaire escolhia esses ‘assuntos tão atrozes’, ele teria respondido: ‘Senhor, É PARA CHOCAR OS BOBOS!’”<sup>13</sup>. E o próprio Baudelaire, ao longo de todo o *Mon cœur mis à nu*, expõe repetidamente seu apreço pelo *métier* do “Comédien”.

Mesmo que prefiramos insistir na leitura não encenada dessas afirmações (é mesmo improvável que, no século XIX francês, as notas misóginas e antisemitas fossem as que se enquadravam perfeitamente nessa “provocação programada”), não devemos salvar Baudelaire diante de nossas exigências éticas e políticas contemporâneas. Não devemos salvá-lo, torná-lo mais aceitável. Se é machista, que permaneça machista e arque com as consequências diante dos leitores. Não só isso. Mesmo as leituras que tentam diminuir a carga condenável dessas passagens, conclamando as sempre repisadas ambivalências e contradições baudelairianas, só podem ser devidamente recuperadas no texto traduzido por meio de uma tradução sem

---

<sup>9</sup> “Le français est un animal de basse-cour” (BAUDELAIRE, 2001, p. XXXIV).

<sup>10</sup> “Le Commerce est, par son essence, satanique” (BAUDELAIRE, 2001, p. XLI).

<sup>11</sup> “L’être le plus prostitué, c’est l’être par excellence, c’est Dieu” (BAUDELAIRE, 2001, 45 bis).

<sup>12</sup> Para aqueles que apreciam esse tipo de refrigério na crítica literária, recomendo o livro *Baudelaire devant ses contemporains* (W. T. Bandy e Claude Pichois, Éditions du Rocher, 1957), de cuja última edição (Klincksieck, 1995) Murphy extraiu o episódio em questão.

<sup>13</sup> “Banville raconte que lorsqu’un ‘haut fonctionnaire’ a voulu savoir pourquoi Baudelaire choisissait des ‘sujets [...] si atroces’, celui-ci aurait répondu: ‘Monsieur, [...] C’EST POUR ÉTONNER LES SOTS!’”

amortecimentos. Caso contrário, perde-se a tensão entre o inaceitável e o provocativamente desagradável.

Sabemos o quanto a passagem sobre uma 'Bela conspiração a organizar para a exterminação da Raça Judia' suscitou debates fervorosos: a escolha entre uma leitura literal e uma interpretação num segundo nível de leitura não pode ser tomada sem considerar os contextos (contexto histórico do antissemitismo, contexto da enunciação, atitude geral em relação aos judeus em Baudelaire...), o que pode levar a resultados bastante diferentes, em função dos contextos evocados, mas também a maneiras diversas (morais, religiosas, políticas...) de conceber o próprio fenômeno do antissemitismo (MURPHY, 2007, p. 678, tradução minha)<sup>14</sup>.

Embora essa passagem possa parecer explicitamente antissemita (impressão que a leitura do restante da obra de Baudelaire tende a confirmar, como o verso "*Une nuit que j'étais près d'une affreuse juive*" da antologia *Fleurs du mal*), Starobinski (2002) assume a empreitada de demonstrar que uma leitura historicizada demonstra que as coisas não são (também nisso) tão transparentes, e que em Baudelaire não haveria, pelo menos não nessa passagem, um teor antissemita. Pelo contrário, estaria fazendo referência tanto a certos socialistas utópicos (Proudhon, Fourier etc.) quanto a Santo Agostinho e Pascal. Não pretendo sintetizar a explicação de Starobinski, apenas apontar para a ambiguidade (ou melhor, multiplicidade) de leituras possíveis dessas passagens "desagradáveis". Não entrarei na discussão, necessariamente longa, sobre o suposto antissemitismo de Baudelaire. Parece-me que está claro que, apesar disso, ou exatamente por causa disso, é preciso traduzir esse tipo de passagem da maneira mais literal possível: é um modo de retextualizar a própria multiplicidade de leituras e historicidades que tais afirmações têm suscitado e podem vir a suscitar.

## 5.

Falar em ética e tradução não significa defender uma conduta geral de tradução, mas uma multiplicidade de condutas e posições possíveis vinculadas a inscrições político-ideológicas, projetos tradutórios, público leitor, contexto histórico etc. Tudo depende de para quem se traduz e a partir de onde se traduz. O mesmo se aplica aos leitores de tradução.

---

<sup>14</sup> "On sait à quel point le passage portant sur une 'Belle conspiration à organiser pour l'extermination de la Race Juive.' [FMC 120] a pu susciter des débats musclés: le choix entre une lecture littérale et une interprétation au second degré ne peut s'effectuer sans prise en compte de contextes (contexte historique de l'antisémitisme, contexte d'énonciation, l'attitude générale envers les Juifs de Baudelaire...), ce qui peut entraîner des résultats très différents, en fonction des contextes convoqués, mais aussi des manières diverses (morales, religieuses, politiques...) dont les critiques conçoivent le phénomène même de l'antisémitisme".

A decisão de traduzir esse tipo de passagem da maneira mais aderente possível ao texto de partida, abrindo mão de notas, omissões ou amortecimentos lexicais, pode receber questionamentos relevantes: até que ponto não se está idealizando o leitor, na expectativa de que *todo leitor* venha a ter uma abordagem crítica e historicizada dessas passagens? Até que ponto não se abre uma brecha que reforça uma situação de desigualdade e opressão?

Se a relação entre as partes é desigual, será que o tradutor deveria de alguma maneira tentar compensar essa desigualdade ou perpetuá-la? O tradutor tem o direito de interferir diretamente na situação, agindo como um defensor da parte mais fraca? Será possível para os tradutores não serem guiados por seus sentimentos, no caso de eles terem opiniões categóricas sobre algum aspecto relacionado àquela situação específica? (ESTEVES, 2014, p. 286)

Discutir ética e tradução, seja na prática tradutória, na crítica de traduções ou na teoria da tradução, é adentrar um campo movente, sem conclusões imediatas ou “definitivas”. Porque a ética trata das escolhas, posturas e modos de agir, e porque é sempre possível traduzir de novo, de outro lugar, a partir de outras escolhas e interpretações, as discussões sobre ética e tradução “tendem, em sua maioria, a soluções parciais e temporárias e a conclusões abertas” (ESTEVES, 2014, p. 29). Por isso mesmo praticar a crítica da tradução; por isso mesmo, em última instância, situar-se eticamente de outra maneira diante do texto e do ato de tradução; reinterpretar, retraduzir.

203

## 6.

Com nossas leituras e nossas traduções, estamos produzindo deslocamentos em Baudelaire ou ele está produzindo deslocamentos em nós?



## REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2015.
- AUERBACH, Erich. **Ensaio de literatura ocidental**. Trad. Samuel Titan Jr e José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Editora 34, 2007.
- BAUDELAIRE, Charles. **Mon cœur mis à nu**. Texte établi par Claude Pichois. Genebra: Droz, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Œuvres complètes**. Paris: Robert Laffont, coll. Bouquins, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Meu coração desnudado**. Trad. Aurélio Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.
- \_\_\_\_\_. **Meu coração a nu**. Trad. Fernando Guerreiro. In: BAUDELAIRE, Charles. *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.
- \_\_\_\_\_. **Meu coração desnudado**. Trad. Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- BERMAN, Antoine. **A tradução e a letra, ou, O albergue do longínquo**. Trad. Marie-Hélène C. Torres, Mauri Furlan e Andréia Guerini. Rio de Janeiro: 7Letras/PGET, 2007.
- ESTEVES, Lenita Maria Rimoli. **Atos de tradução: éticas, intervenções, mediações**. São Paulo: Humanitas/Fapesp, 2014.
- KLINGER, Diana. **Literatura e ética: da forma à força**. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.
- LEFEVERE, André. **Translation/History/Culture**. Londres e Nova York: Routledge, 1992.
- MATTOS, Thiago. **(Re)traduções brasileiras de Mon cœur mis à nu, de Charles Baudelaire**. 2015. Dissertação de mestrado. FFLCH – USP, São Paulo, 2015.
- MURPHY, Steve. **Logiques du dernier Baudelaire**. Paris: Champion Classiques, 2007.
- OLIVEIRA, Paulo. Tradução & ética. In: AMORIM, Lauro Maia; RODRIGUES, Cristina Carneiro; STUPIELLO, Érika Nogueira de Andrade. **Tradução &: perspectivas teóricas e práticas**. São Paulo: Editora Unesp, 2015)
- SONTAG, Susan. **Entrevista completa para a revista Rolling Stone, por Jonathan Cott**. Trad. Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.
- STAROBINSKI, Jean. "Notes de lectures, III". In: *Année Baudelaire*, no. 6, Honoré-Champion, p. 148-154, 2002.